

O museu enquanto facilitador ou educador de valores ambientais

The role of the museum as an educational partner and transmitter of environmental values

Margarida Filipe Ramos. Museu da Água-EPAL (Empresa Portuguesa das Águas Livres) (Portugal)

Resumo

O presente trabalho teve como objectivo fazer uma reflexão sobre o papel dos museus enquanto educadores para os valores ambientais e de cidadania. O estudo de caso incide sobre o Museu da Água da EPAL (Empresa Portuguesa das Águas Livres), através da análise da sua dinâmica com as escolas e estudo dos materiais produzidos pelos alunos no contexto do concurso anual promovido por esta instituição.

A cultura, a família, a religião e a sociedade onde o indivíduo está inserido, todos estes factores são influenciadores dos valores. Deste modo, julgamos que o museu deveria assumir a sua responsabilidade social para além do ponto de vista tradicional (divulgação e conservação do património) e assumir-se como um agente de mudança e de educador para os valores.

Astract

The present enquiry aims at making a reflection over the role of museums while educators for the values and more concretely of its importance in regards to the environmental and citizenship values. We will be presenting the case study of the Water Museum of Empresa Portuguesa das Águas Livres (EPAL), through the analysis of its dynamic with schools and more specifically through the analysis of the materials produced by the students in the annual competition promoted by this institution.

Culture, family, religion and the society in general where the individual is inserted, all these factors are influences to the values. We believe that the museum should assume its social responsibility beyond the traditional point of view, of divulging and preserving the patrimony and assume itself as an agent of change and an educator for the values.

Palabras chave

Educação ambiental, atitudes ambientais, valor, museu, Museu da Água da EPAL

Key-words

Environmental education, environmental attitudes, notion of value, museum, EPAL's Water Museum.

Introdução

O museu, enquanto instituição cultural, cumpre uma função social ao serviço da comunidade e do seu desenvolvimento, colocando à disposição do público o seu acervo, e que para além, da conservação e estudo das suas peças, tem em vista a educação e a fruição (ICOM, 2001). Na definição de museu, do Internacional Council of Museums (ICOM) na sua 20ª Assembleia Geral, de Julho de 2001, foram incluídas ainda outro tipo de instituições como, sítios, monumentos históricos, instituições que conservam colecções, jardins botânicos e zoológicos, aquários e viveiros, centros científicos, reservas naturais, planetários. Em Portugal, o conceito de museu consagrado na Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto) considera igualmente “os testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico”. Daqui se depreende que todos estes locais são prestadores de um serviço para o bem comum da sociedade.

A noção de valor público em museus

A partir do séc. XX, o Museu deixou de ser encarado como um simples espaço com

as funções tradicionais de aquisição, preservação e exibição de colecções. As mudanças sociais observadas desde então e a evolução da museologia, bem como o papel crescente da ciência na vida dos indivíduos durante este século, alertaram para o papel educativo dos museus como divulgadores da ciência e da cultura para o grande público.

Na conferência da *American Society of Museums (AAM)* de 1990, foi introduzido o conceito de prática reflexiva em museus e paralelamente discutido o papel do museu na sociedade e na vida do indivíduo. Em 1992, a mesma associação publicava o relatório *Excellence and Equity*, onde referia a necessidade dos museus servirem para o enriquecimento (cultural) dos cidadãos, colaborarem activamente para uma sociedade mais plural e poderem contribuir para a resolução de desafios globais.

Qual o papel dos museus afinal dentro da área de influência, junto da sua comunidade? Uma instituição cultural como um museu pode contribuir positivamente numa infinidade de maneiras para o bem comum. Este conceito de valor público em museus não é, no entanto, novo. Já nos finais do Séc. XIX, princípios do Séc. XX, John DANA COTTON, fundador, director e responsável de educação do Museu de Newark (1909), acreditava que o museu deveria ser útil à sua comunidade. Defendia que as instituições públicas e os museus, sem excepção, deveriam dar em troca “coisas” boas, po-

sitivas, definitivas, visíveis e mensuráveis; não tendo a ver, proporcionalmente, com o custo do edifício ou com a riqueza das coleções contidas no museu (HEIN, 2011). O museu apenas tem valor na medida em que é “utilizado” por alguém. Quanto mais iniciativas forem realizadas, mais útil será para a comunidade onde está inserido. Este compromisso de serviço público é possível através da organização e dinamização de programas exemplares e inovadores na área educacional, social, económica e ambiental. Só assim será possível aos museus poderem ser eles mesmo agentes de mudança e parceiros com significado junto da comunidade (DIERKING, 2010).

Antes de mais é necessário definir públicos e estratégias, pensar para quem o museu está a trabalhar. Uma instituição, neste caso, um museu, que não consiga assegurar a sua sustentabilidade ao longo dos tempos está condenada. Também HOOPER-GREENHILL (1994, 1996) aflora este assunto quando diz que já não é suficiente falar só dos processos de aprendizagem em museus, existem uma série de questões de ordem social e aborda a questão das acessibilidades ao museu, não falando só do acesso físico mas também do acesso cultural, afirmando que *“o novo desafio para os museus do Séc. XXI é o de desenvolver uma pedagogia que utiliza as suas boas práticas para a sua democratização”*.

Os princípios da nova museologia, definidos na Lei-Quadro de Museus, vieram

reforçar esta visão para os museus nacionais, sendo de realçar desde logo, os quatro primeiros sobre: o primado da pessoa, o primado da promoção da cidadania responsável, o princípio de serviço público e aliado a estes, o princípio da coordenação, o qual incita à concertação de medidas com as políticas de educação, da ciência, do ordenamento do território, do ambiente e do turismo (LEI-QUADRO DE MUSEUS, 2004).

Ben GARCIA também refere o conceito de valor público, em museus, na medida em que existe uma diferença considerável entre *“disponibilizar algo de valor ao público e criar algo que tenha valor público”* (GARCIA, 2010). Para isso têm de se estabelecer parcerias e vínculos com a comunidade onde está inserido, com escolas, associações, juntas de freguesia, grupos de moradores, etc. Introduzindo um conceito que está muito em voga, o de responsabilidade social das instituições, também o museu contribui assim para a melhoria da sociedade e presta um serviço ao seu público, esse serviço é a educação (HEIN, 2011).

A relação dos serviços educativos com as instituições escolares

Quando abordarmos a problemática da educação em museus está normalmente

implícita a noção de educação não-formal como forma de complementaridade à educação formal utilizada em contexto escolar. Isabel CHAGAS no seu artigo sobre *Relações entre museus de ciência e escolas* (CHAGAS, 1993), baseada em Jan MAARSCHALK (1988) distinguiu três tipos de educação: educação formal, educação não-formal e educação informal. A educação não formal é aquela que nos interessa, neste caso, é aquela que acontece fora da conjuntura escolar e é veiculada pelos museus e outras instituições que organizam eventos de diversa ordem a fim de ensinar algo a um público heterogéneo.

Deste modo, ao falarmos de educação em museus não podemos deixar de abordar a relação com o público escolar, o seu público mais assíduo. As visitas aos museus foram sendo entendidas como um recurso para a aprendizagem escolar, decisiva para a sustentação do ensino, constituindo-se também, como um modo de relacionamento durável entre a escola e a sua vizinhança. A mais-valia do museu reside então, nas suas propostas educativas, ao propor novas e diferentes abordagens sobre determinado tema, como sejam as *“actividades lúdicas, o museu dá a oportunidade de interessar mais o indivíduo sobre o que até aqui, em meio escolar, surgiu como pouco aliciante”* (FRÓIS, 2008, p. 72).

Hoje em dia os museus têm à disposição um vasto painel de ofertas que vão desde a tradicional visita guiada, até aos ateliers,

oficinas, workshops, visitas comentadas para professores e um sem número de actividades organizadas para a comunidade educativa, como a realização de concursos e outras iniciativas que apelam à sua participação activa, à comemoração de várias efemérides e dias especiais, como o dia da criança, o dia da árvore, o dia dos museus, etc. Procura-se a inovação e o intuito é o de captar o interesse do público escolar, contam-se histórias através de objectos, da própria história sobre o museu e das razões que levaram à existência daquele local. Os professores recorrem aos museus, como complemento às matérias de estudo, mas também como forma de entretenimento. Dentro deste espaço que é consagrado à visita, existe a transmissão de conhecimentos, mas também a partilha de crenças e valores por parte da instituição. Esta experiência que se pretende seja uma troca, num processo participativo, de acordo com o modelo construtivista, implica também que através da comunicação haja a partilha de valores e a construção de significado (HOOPER-GREENHILL, 1996).

Poderão os museus desempenhar activamente um papel decisivo na transmissão de informações relevantes para o público sobre a área científica e ambiental? Isabel Chagas refere o papel fundamental que o museu pode desempenhar especificamente na educação da ciência e da tecnologia, como os museus dedicados à aviação, à electricidade e à água ou os chamados

centros de ciência mais especializados. Estes últimos surgiram em Portugal, nos últimos quinze anos, através do Programa Ciência Viva e estão mais vocacionados para as actividades hands-on. Estas técnicas participativas atraem os alunos e complementam a educação formal de um modo que a escola não pode fazer. A ida ao museu proporciona o contacto com objectos e vivências que em geral não fazem parte do universo da escola, nem do seu dia-a-dia. Os museus dispõem de recursos físicos e humanos que permitem a construção de ambientes únicos em que o aluno pode observar in loco determinado fenómeno científico (CHAGAS, 1993). Da mesma forma, podemos dizer que ao tomar contacto com determinado artefacto histórico, os alunos poderão ser despertados para a discussão de outros temas como por exemplo, a sensibilização ambiental, a falta de água noutros pontos do globo terrestre ou a poluição.

Neste contexto e em Portugal destacamos o exemplo do Museu da Água da EPAL e do seu serviço pedagógico que tem vindo a promover desde 1997 projectos em parceria com as escolas, procurando uma relação mais estreita com estes públicos.

O Museu da Água da EPAL

O Museu da Água é um museu da Empresa Portuguesa das Águas Livres, S.A.

(EPAL). A EPAL é uma sociedade anónima de capitais públicos, detidos a 100% pelas Águas de Portugal (ADP) e é a responsável pelo abastecimento a 35 municípios e a cerca de três milhões de habitantes da região centro. No entanto, a sua origem remonta a 2 de Abril de 1868, data em que foi concessionado à Companhia das Águas de Lisboa, o serviço de abastecimento de água à cidade de Lisboa.

Reconhecido no campo da Arqueologia Industrial, pelo excelente estado de conservação da Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos do Séc. XIX, o Museu da Água foi inaugurado a 1 de outubro de 1987. O Museu da Água integra actualmente quatro núcleos dispersos pela cidade de Lisboa: Aqueduto das Águas Livres, Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras, Reservatório da Patriarcal e Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos. Este último núcleo, sede do museu, foi recentemente alvo de uma renovação completa da sua exposição permanente, a qual teve como objetivo garantir um plano completo de acessibilidades, modernização e atualização do espaço musealizado. Esta sala encontra-se dividida em quatro temas centrais que abordam a água nas suas múltiplas formas e ligações: A Água no planeta Terra, História do Abastecimento de Água, o Ciclo Urbano da Água e a Sustentabilidade.

O Serviço Pedagógico Águas Livres (1997-2013)

Este projecto trabalhou, anualmente, com uma rede de cerca de mil escolas, do ensino básico e secundário, proporcionando uma série de iniciativas, as quais incluíam para além das habituais visitas aos quatro núcleos do museu, a organização periódica de encontros para professores, a organização do Concurso anual e a disponibilização de materiais e recursos educativos sobre a água e a temática ambiental. No seu trabalho diário de promoção dos valores relacionados com o ambiente e a ecologia, foram envolvidos ao longo de dezasseis anos, cerca de 225.000 alunos e 18.000 professores de norte a sul do país.

Em 2011 foi realizado um estudo empírico, no âmbito de uma tese de mestrado em Educação Artística da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, a qual teve por base os trabalhos resultantes do Concurso Águas Livres, edição do ano letivo 2010-2011. Este trabalho teve por base a identificação dos valores que nos interessavam analisar: água, ambiente e cidadania, à luz das principais perspectivas ambientalistas: antropocentrismo, biocentrismo e ecocentrismo. Os trabalhos de banda-desenhada, alvo da nossa análise, foram quarenta; vinte do 1º ciclo e vinte do 2º ciclo, sendo divididos em duas partes iguais para cada categoria: Poluição e Boas Práticas (leia-se uso eficiente da água). Vide os apên-

dices em anexo onde se apresentam dois exemplos das grelhas de observação elaboradas, uma referente à expressão visual, outra referente à expressão verbal.

As nossas hipóteses foram:

- 1) Poderemos inferir dos trabalhos (bandas-desenhadas) produzidos pelos alunos, em contexto escolar, a partir de uma proposta do Museu da Água, quais os valores e atitudes relativas ao ambiente em geral e aos recursos naturais, como a água, em particular?
- 2) Quais as diferenças de atribuição de valor, do ponto de vista ambiental, entre os trabalhos produzidos pelos alunos do 1º e do 2º ciclo do ensino básico?

Relativamente à primeira questão concordamos, que não poderíamos nunca fazer uma correlação directa entre valor (comunicado) e atitude (acção). No entanto, podemos inferir através de vários indicadores ao nosso alcance quais são os valores que transparecem nos trabalhos de banda desenhada. Da nossa investigação retiramos as seguintes conclusões:

- o valor água aparece no tema poluição com uma preocupação biocêntrica, de valor de preservação vida, enquanto que no tema boas práticas surge com um valor maioritariamente utilitário ou seja, antropocêntrico;

- o valor ambiente de modo geral é apresentado do ponto de vista biocêntrico, se bem que no caso dos trabalhos do 2º ciclo as preocupações tendem a ter um carácter mais universal, de preocupação com o planeta em geral e de respeito para com os povos mais desfavorecidos;
- os valores de cidadania no que refere a actuações concretas, aparecem em maior número nos trabalhos do 1º ciclo do que nas BD do 2º ciclo.

De um modo geral, inferimos que dos trabalhos analisados, as crianças e os jovens conhecem os conceitos e apresentam alguns valores relacionados com a ecologia, revelando preocupação com as principais fontes de poluição e mostrando-se sabedoras das principais medidas para evitar, por exemplo, o desperdício da água.

Sobre a segunda questão podemos apurar as seguintes diferenças. De um modo geral e atendendo às capacidades gráficas

dos alunos do 2º ciclo, pareceu-nos que nos trabalhos destes alunos, foi dada a primazia à expressão visual em detrimento da expressão verbal, sendo os trabalhos do 1º ciclo muito mais ricos deste ponto de vista. No entanto, as diferenças surgem nos três indicadores escolhidos, conforme se explica em seguida:

- o valor água é representado na categoria poluição, na perspectiva biocêntrica, tanto pelos alunos do 1º ciclo como pelos alunos do 2º ciclo; na categoria uso eficiente é eleita a perspectiva antropocêntrica nos dois ciclos de ensino;
- o valor ambiente está muito presente como um recurso a preservar quer no 1º ciclo, quer no 2º ciclo, sendo que na maioria apresentam preocupações relacionadas com os seres vivos, animais e plantas. De referir que o valor ambiente no 2º ciclo é valorizado pela negativa, ou seja, pela apresentação de más práticas;

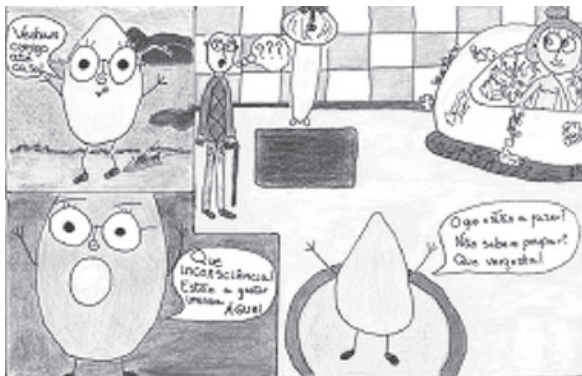


Fig. 1 – Excerto banda desenhada – 2º ciclo (5º ano)



Fig. 2 – Excerto BD – 2º ciclo (5º ano)

- o valor cidadania apesar de representado nos dois ciclos, está mais patente ao nível da expressão verbal nos trabalhos dos alunos do 1º ciclo do que nos do 2º ciclo.

Resumindo, vimos que o museu é um espaço de educação que pode e deve servir um bem comum. Ao prestar um serviço público, torna-se importante avaliar e validar o trabalho realizado pelos serviços educativos, no sentido de comparar e divulgar informação sobre as actividades dinamizadas em vários museus, por forma a detectar o seu impacto na comunidade, particularmente, sobre o público escolar. A colaboração entre museus e escolas é algo de desejável que pode assumir formas muito variadas, dependendo da iniciativa e criatividade dos intervenientes.

No que se refere ao instrumento utilizado para fazer a análise dos trabalhos realizados pelos alunos em contexto escolar, no caso em estudo, as bandas-desenhadas, pensamos tratar-se de uma ferramenta bastante útil, pois oferecem um enorme escopo para a expressão artística e para as reflexões acerca das atitudes e valores sobre o ambiente e sobre o mundo em que vivem. Como refere DEWEY *“a criação e a apreciação do objecto de arte têm consequências educativas directamente projectáveis na experiência humana, mas a projecção inversa também parece existir”* (in ALMEIDA, 1974, p. 22). Se toda a experiência humana repercute no fenómeno ar-

tístico e nas percepções basilares de apreciação de Arte, pode dizer-se que existe uma relação entre arte e a experiência. Então, o museu ao propor estes desafios ao público escolar, proporciona a experiência de criar, a possibilidade de criação de objectos novos de interesse estético, mas ao mesmo tempo, está a dar-lhes uma oportunidade para a reflexão sobre os temas e os valores que lhes estão associados.

No que diz respeito aos valores propriamente ditos, estes são o ponto de partida que motiva os indivíduos à tomada de decisão, ensinam-se, mas nada nos garante que irão passar da teoria à prática, ou seja, a atitudes concretas de actuação. Para que tal possa acontecer é necessário que sejam vividos, é essencial que sejam dadas oportunidades aos indivíduos e principalmente às crianças, durante a sua educação, para desenvolver os seus valores e os seus conhecimentos de modo a poderem um dia gerir os possíveis conflitos entre os seus valores e as inevitáveis satisfações das suas necessidades (HALSTEAD, 1996). Acreditamos que esse é o papel da educação e que os museus têm uma palavra a dizer sobre esta matéria.

Referencias bibliográficas

- ALMEIDA, António (2007), Educação Ambiental – A importância da Dimensão Ética, Lisboa, Livros Horizonte.
- CARIDE, José António e MEIRA, Pablo Angel (2004), Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano, Lisboa, Coleção Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.
- CHAGAS, Isabel (1993) – Aprendizagem não formal/formal das ciências: Relações entre museus de ciência e escolas in Revista de educação, 3 (1), 51-59, Lisboa.
- COELHO, Jorge Artur Pessanha de Miranda e outros (2006) – Valores humanos como Explicadores de Atitudes Ambientais e Intenção de Comportamento Pró-Ambiental, disponível em <URL <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a23.pdf>, [consultado a 20.08.2011].
- DIERKING, Lynn D. (2000) – Being of Value - Intentionally fostering and Documenting Public Value in Journal of Museum education, Vol. 35. Nr.1, 2010, pp. 9-20.
- FRÓIS, João Pedro (2008) - Os Museus de Arte e a Educação. Discursos e Práticas Contemporâneas, Museologia.pt, nº2, pp.62-75.
- GARCIA, Ben (2010) – Museum Education and Public Value - in Journal of Museum education, Vol. 35. Nr.1, Spring 2010, pp. 5-8.
- Guia da Educação para a Sustentabilidade (2006) – Carta da Terra, Coleção Educação para a Cidadania, Lisboa, Ministério da Educação disponível em <URL <http://www.rcc.gov.pt/SiteCollectionDocuments/ECTG-EducCidadania-2006.pdf> [consultado em 20.09.2012].
- HALSTEAD, J. Mark (1996) – Values in Education and Education in Values, Palmer press, London, Washington D.C.
- HEIN, George E., (2011) - Museum education disponível em A Companion to Museums Studies – Sharon MacDonalds, Blackwell Publishings. Ltd., pp. 340-351.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean (1996) – The Educational Role of the Museum- Routledge, London.
- MARQUES, Ramiro (2008), A Cidadania na Escola, 1ª Edição, Lisboa, Livros Horizonte.
- ORR, David W. (1992), Ecological Literacy – Education and the Transition to a Postmodern World, State University of New York Press, Albany.

Apêndices

1. Grelha de Observação dos trabalhos de Banda Desenhada do 2º Ciclo do Ensino Básico – Expressão Visual

Catego- ria	Domínios e Competências	Valores ambientais e estéticos	Anexo XXVII	Anexo XXVIII	Anexo XXIX	Anexo XXX	Anexo XXXI	Anexo XXXII	Anexo XXXIII	Anexo XXXIV	Anexo XXXV	Anexo XXXVI	
Boas práticas	Expressivida- de de ideias/ valores através da linguagem visual	<i>Ideia de natureza (ex: representam árvores, rios, peixes, etc.)</i>			X	X	X	X			X	X	
		<i>Ideia de cidadania (mostram iniciativas)</i>		X	X		X	X	X	X	X	X	
		<i>Ideia de Universalida- de (planeta Azul)</i>					X			X			
	Identificação de indicadores visuais associa- dos ao tema	<i>Elementos humanos</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
		<i>Presença de Seres Vivos (animais ou plantas)</i>				X			X		X		
		<i>Elementos simbólicos (Água)</i>	X		X	X	X	X	X	X	X		X
		<i>Evidência de desper- dício/má utilização</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Sensibilidade estética (estilo gráfico, formas e cores)	<i>Enquadramento da Acção (cenários)</i>	B	S	B	S	B	B	B	B	B	S	B
		<i>Organização das vinhetas/ritmo</i>	F	F	B	B	B	B	B	B	S	S	B
		<i>Utilização das cores</i>	B	S	B	B	B	B	B	B	B	S	S

Legenda: (F) Fraco; (S) Suficiente; (B) Bom

2. Grelha de Observação dos trabalhos de Banda Desenhada 2º Ciclo do Ensino Básico-Expressão Verbal

Cate- goria	Subcate- gorias	Valores e atitudes	Anexo XXVII	Anexo XXVIII	Anexo XXIX	Anexo XXX	Anexo XXXI	Anexo XXXII	Anexo XXXIII	Anexo XXXIV	Anexo XXXV	Anexo XXXVI	
Polui- ção	Água	<i>Perspectiva utilitária/instrumental</i>	X	X		X		X					
		<i>Essencial à vida</i>			X	X	X		X	X	X	X	
		<i>Como um divertimento</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Como um valor a preservar por si só</i>			X								
	Ambiente	<i>Apresentam preocupação com os seres vivos (animais e plantas)</i>	X						X	X	X	X	X
		<i>Apresentam preocupação com outros povos (dimensão univer- sal)</i>						X					
	Cidadania	<i>Apresentam propostas de inter- venção (atitudes)</i>	X						X		X		X
		<i>Reflexão sobre a situação (emi- tem opinião)</i>	X					X	X	X		X	

Cate- goria	Subcate- gorias	Valores e atitudes	Anexo XXVII	Anexo XXVIII	Anexo XXIX	Anexo XXX	Anexo XXXI	Anexo XXXII	Anexo XXXIII	Anexo XXXIV	Anexo XXXV	Anexo XXXVI	
Polui- ção	Água	<i>Perspectiva utilitária/instrumental</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
		<i>Essencial à vida</i>			X								
		<i>Como um divertimento</i>			X								
		<i>Como um valor a preservar por si só</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Ambiente	<i>Apresentam preocupação com os seres vivos (animais e plantas)</i>			X	X				X			
		<i>Apresentam preocupação com outros povos (dimensão univer- sal)</i>	X					X			X		
	Cidadania	<i>Apresentam propostas de inter- venção (atitudes)</i>	X	X	X			X	X	X	X	X	X
		<i>Reflexão sobre a situação (emi- tem opinião)</i>						X		X			X



Denúncia nun largo lisboeta (Lisboa-Portugal)

© Rocío López Díez